A complexidade da neurose obsessiva com suas diferentes correntes psíquicas

Tatiane França[1]

RESUMO:

Este artigo se propõe investigar a complexidade de psiquismos com dominância neurótica obsessiva compostos por correntes psíquicas heterogêneas com sintomas fruto do retorno do recalcado, bem como ocorrências de indícios de conteúdos com falha radical na tradução. Revisam-se aportes teóricos de Jean Laplanche e Silvia Bleichmar referentes à estruturação psíquica e às diferentes possibilidades de formação sintomática. Também se resgatam pontos da obra de Sigmund Freud sobre a neurose obsessiva retrabalhados por Laplanche, tais como os rituais obsessivos, a onipotência do pensamento e sentimentos de culpa. Tais aspectos teóricos foram enlaçados com vinhetas clínicas de manifestações sintomáticas obsessivas compulsivas, buscando-se estabelecer um rastreamento metapsicológico de correntes psíquicas neuróticas advindas do inconsciente recalcado e de correntes mais arcaicas, que apresentam a vigência de indícios pulsionais autoeróticos fruto de traumatismos, presentes na mesma estruturação psíquica.

Palavras-chave: neurose obsessiva, sentimento de culpa, onipotência do pensamento, estruturação psíquica mista, clínica contemporânea.

1 Psicanalista, docente da Constructo Instituição Psicanalítica, membro do Núcleo de Estudos Gênero, Sexo e Raça da Constructo, mestre em psicologia e docente do curso de psicologia da Universidade Atitus.

 ISSN 2764-9032

Introdução

Este artigo visa tecer uma compreensão sobre a complexidade da neurose obsessiva na clínica psicanalítica contemporânea decorrente da heterogeneidade das correntes psíquicas vigentes nessa psicopatologia. É de fundamental importância compreender que os sintomas obsessivos e compulsivos presentes nesses quadros acenam para formas defensivas contra a angústia advindas do retorno do recalcado, mas também, por vezes, do embate de violências pulsionais mais arcaicas.

Jean Laplanche (2015) situa as origens do aparelho psíquico na Situação Antropológica Fundamental, na qual o adulto que se encarrega dos cuidados com o *infans* endereça-lhe mensagens pré-conscientes/conscientes com ruídos do seu inconsciente (resíduos da sua sexualidade infantil polimorficamente perversa). A criança tentará traduzir essas mensagens, mas ocorrerá necessariamente uma falha em partes dessa tradução, em função delas serem enigmáticas tanto para o emissor como para o receptor. São os restos desse processo de tradução, advindos da parte comprometida pelo inconsciente sexual do adulto, que constitui o inconsciente da criança.

O inconsciente recalcado, fruto do fracasso parcial da tradução que leva ao funcionamento "neurótico-normal", diferencia-se da ocorrência do fracasso radical da tradução, em que a mensagem permanece implantada ou intrometida em estado bruto no aparelho psíquico (Laplanche, 1993). Esse fracasso radical da tradução constitui o "inconsciente encravado", permanecendo "à flor da consciência" e utilizando como defesa a recusa (*Verleugnung*) (Laplanche, 2015). Para além de ser constituído pelo fracasso radical da tradução, o inconsciente encravado pode "ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de 'purgatório' das mensagens que esperam" (Laplanche, 2015, p. 199). Seguindo essa linha, o autor resgata a clivagem do eu, proposta por Freud, na qual indica

 ISSN 2764-9032

a possibilidade do mecanismo neurótico do recalque estar em uma tópica concomitante com o mecanismo perverso ou psicótico da recusa. Desse modo, um "neurótico-normal" tem a parte do inconsciente recalcado muito maior que a do inconsciente encravado.

Bleichmar (1990) salienta que o recalcamento originário é responsável pela fundação do inconsciente; tamponando o autoerotismo por meio do contrainvestimento separa definitivamente representações em diferentes lugares no aparelho psíquico. Já no recalcamento secundário, a representação era pré-consciente (moção hostil ou erótica) e seu investimento foi retirado ao passar para o inconsciente, deixando uma energia livre que poderá se ligar a outra representação pré-consciente. Na neurose obsessiva, duas representações libidinais, uma amorosa e outra hostil, tomam caminhos diferentes; a primeira é superinvestida e a segunda é recalcada, acarretando uma formação substitutiva que promove alterações no ego, formando escrúpulos excessivos que não se situam propriamente como um sintoma.

Nesse sentido, Bleichmar (1990) retoma as teorizações freudianas sobre as neuroses de transferência, as quais têm em comum o recalcamento na fronteira dos sistemas inconsciente e pré-consciente e o retorno do recalcado obrigando a novos esforços. A autora esclarece que, em relação ao contrainvestimento, a neurose obsessiva diferencia-se da histeria de angústia na medida em que o contrainvestimento opera inicialmente contra uma moção ambivalente, resultando em uma formação reativa. Diferencia-se também da histeria de conversão porque nesta o contrainvestimento busca, desde o início, a união com o investimento pulsional, formando um compromisso. Em relação à formação substitutiva e ao sintoma, verifica-se que, na histeria de conversão, eles coincidem e que, na histeria de angústia, o primeiro retorno do recalcado ocorre devido à formação substitutiva. Já na neurose obsessiva, há uma nítida separação entre a formação substitutiva e o sintoma, pois a vigência do contrainvestimento em um primeiro momento

 ISSN 2764-9032

fornece o substituto advindo da censura e somente os sintomas posteriores são efeitos do retorno do recalcado. A inibição apresentada pela neurose obsessiva, por sua vez, advém de um primeiro tempo de contrainvestimento massivo, diferentemente da histeria de angústia, que tem primeiramente a presença de uma angústia livre e flutuante.

Assim, em relação a força do retorno do recalcado, Bleichmar (1990) afirma que o ego obtém a percepção dos índices de quantidades. No caso do obsessivo, é muito simplista considerar que o sujeito se defenderia de sua hostilidade por ser muito hostil. O que está em jogo não é a quantidade real de hostilidade recalcada, mas a qualificação que o próprio indivíduo realiza de sua hostilidade. Assim, ela afirma:

> El monto de contrainvestimiento impede la "repartición de investimentos", la hostilidad no repartida emerge entonces bajo el modo brutal del retorno de lo reprimido desligado; no se trata entonces de "desreprimir", sino de crear las mediaciones simbolizantes que posibilitan estos desplazamientos fallidos. Interpretar, construir, resimbolizar. (Bleichmar, 1990, p. 56)

2. A neurose obsessiva ao longo da obra de Freud retrabalhada por Laplanche

A neurose obsessiva, conforme Laplanche (1998) pontua, possui características salientes como preocupações centradas na moral, no sentimento de culpa, no excesso de cuidado e dúvida. Inclusive esse autor pontua que Freud foi o primeiro a caracterizar essa patologia com seus imperativos compulsivos, para além das obsessões, localizando o foco central dessa doença nas autocensuras. No início de seus estudos psicanalíticos, Freud propôs que a neurose obsessiva, juntamente com a

 ISSN 2764-9032

histeria de conversão e a histeria de angústia, compunham o quadro das psiconeuroses. Patologia com características claramente distintas das demais, a neurose obsessiva possui uma concepção sintomática de defesa diante do retorno do recalcado e uma ligação com um ato sexual infantil prazeroso.

Laplanche (1998) assinala que, antes de abandonar sua teoria da sedução, Freud diferenciou a origem da neurose obsessiva e a da histeria. A gênese da primeira ocorre por meio de uma busca ativa de prazer por parte da criança e a segunda patologia ocorre por meio de uma sedução passiva sexual. Um fundo de histeria faria parte de toda neurose obsessiva, uma vez que não é possível conceber uma atividade sexual sem previamente ter ocorrido uma sedução passiva. Ainda que posteriormente tenha havido o abandono, por Freud, de sua teoria da sedução e dessa concepção de atividade na neurose obsessiva, Laplanche (1998, p. 257) afirma que "a obsessão é sempre uma censura de ordem sexual que retorna fora do recalque".

Também nesse sentido, Laplanche (1998) retoma a descrição de Freud sobre a evolução da neurose em estágios apresentada por ele em 1896. O primeiro estágio compreende os acontecimentos sexuais infantis ainda sem censura em um contexto de "ausência de 'fiador' interno à sedução". O segundo estágio corresponde a ação do recalque do evento sexual ativo atraído pela sedução passiva anterior. No terceiro estágio, existem dois tempos: em um primeiro momento, o recalcamento se mantém, mas, já em um segundo momento, a representação sofre a substituição, por formação reativa ou contrainvestimento, em traços morais e características como "escrúpulos, vergonha, desconfiança de si" (Laplanche, 1998, p. 258). É no quarto estágio que as obsessões, enquanto formações de compromisso, ocorrem para buscar dar conta do retorno do recalcado, uma vez que as contenções morais estão sendo atacadas.

 ISSN 2764-9032

Uma vez que Freud propõe o sintoma composto dos elementos "afeto" e "representação", Laplanche (1998) assinala que ele passa a compreender a existência de duas representações obsessivas diferentes. Uma em que o afeto de censura ausente da consciência está ligado a representações neutras na consciência reconhecidas como incômodas. E outras representações obsessivas fruto do retorno do afeto mais ou menos direto com uma clara conotação moral, tal como: "vergonha, angústia social, angústia religiosa, angústia de tentação, e mesmo delírio de observação..." (Laplanche, 1998, p. 258).

O clássico caso de neurose obsessiva ilustrado na obra freudiana foi "O homem dos ratos" (Freud, 1909/1996). Retomando esse caso e as teorizações de Freud, Laplanche (1998) assinala como um primeiro ponto que julga principal a questão do *crime de pensamento* decorrente da ambivalência sentida com seu pai e do desejo de morte do pai acompanhado pela culpa. O homem dos ratos retoma uma lembrança infantil em que lhe ocorrera uma ideia neutra de morte de seu pai, logo descartada, dentro de um contexto de chamar atenção de uma moça pela qual estava interessado. O descarte imediato dessa ideia de morte do pai, conforme Freud, ocorre em função da defesa que o homem dos ratos possuía pelo risco de reconhecimento do conteúdo dessa representação ser seu desejo. Pouco antes da morte do pai, pela segunda vez, passa rapidamente por sua cabeça a ideia de que, por meio da morte do pai, ele obteria sua herança e teria bens suficientes para casar-se com a moça pela qual era apaixonado. A rejeição dessa ideia é acompanhada do pensamento de punição de que, em caso de morte paterna, não deveria receber herança, a fim de compensar tal perda. Assim:

> Entramos aí no tipo do pensamento obsessivo: pensamento – contra-pensamento, desejo – contra-desejo. Esse crime, que ele começa a cometer em pensamento, deve ser cometido por nada – ser um crime de nada, um nada de crime – já que ele deseja que o

 ISSN 2764-9032

> pai nada lhe deixe. [...] não se trata de um afeto de temor, mas de um afeto de censura. [...] esse afeto de censura, de recriminação ou de culpabilidade coloca-nos no caminho do afeto de desejo. (Laplanche, 1998, p. 262)

Assim, todo pensamento que é abominado e censurável, como no caso do homem dos ratos, denuncia ser afetado por um desejo inconsciente (Laplanche, 1998). Logo, só pode ser pensado aquilo que foi desejado, no sentido de que inicialmente sempre o conteúdo de uma representação encontra-se aliado a um afeto; somente em um segundo momento é que será neutralizado pela defesa. No *crime de pensamento*, a realidade exterior está recoberta pelo que há de central na realidade psíquica, que são os desejos, a identidade de pensamento e da realização do ato sexual e do assassinato. O *crime do pensamento* somente é acessado pela análise, na medida em que está recalcado; é um crime no pensamento em função da intenção. Já o pensar remete a um crime, indica a realidade psíquica inconsciente, na qual o desejo, a transgressão e o remorso estão muito relacionados.

O segundo ponto analisado por Laplanche (1998) no caso do homem dos ratos foi o aspecto da *dívida*, sintoma que leva esse paciente a consultar com Freud. O temor diante da ideia obsessiva que o homem dos ratos tinha quanto a um possível suplício dos ratos com seu pai e a mulher que amava, acenava para um gozo mesclado com punição. O autor destaca que o gozo ignorado pelo paciente de Freud denota a questão do sadomasoquismo e a neutralização do desejo ocorre pela punição, a presença da censura na dupla face "temor/desejo".

O circuito da dívida no sintoma como um circuito sexual foi retomado por Laplanche (1998) do texto freudiano "As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal". Assim, assinala que os pensamentos obsessivos dos ratos introduzidos no ânus possuem várias associações

 ISSN 2764-9032

simbólicas com dinheiro (honorários pagos a Freud e excrementos), crianças (lendas) e pênis. Estes representam objetos parciais, elementos destacáveis que remetem a uma série de possíveis trocas cruéis e sádicas:

> [...] colocar os ratos no ânus do pai ou da mulher (ratos que morderão); dar dinheiro a Freud (dinheiro que é excremento); ou ainda receber dinheiro de Freud num momento em que o Homem dos Ratos imagina que vai casar com a filha de Freud, não por seus belos olhos, mas para receber dinheiro; ou ainda dar ou recusar filhos. (Laplanche, 1998, p. 271)

O conflito neurótico do homem dos ratos (Laplanche, 1998) precisa ser retomado, ligando-se a história de seu pai que teria sido um jogador ("rato de jogo"), perdido dinheiro e contraído uma dívida jamais restituída. Também o casamento de seu pai com sua mãe teria ocorrido em função da fortuna dela e, nesse sentido, ele gostaria de casar-se com uma mulher sem posses, diferente do desejo de sua mãe (representante parental). Assim, além do que se repete nas histórias de pai e filho, edipicamente a figura parental interditaria não a mãe, mas a mulher sem posses. Assim, Laplanche afirma: "E, nesse filho neurótico, o conflito traduz-se em sintomas inteiramente opacos, torturantes e, ao mesmo tempo, de uma certa maneira, satisfatórios a nível inconsciente" (Laplanche, 1998, p. 273). Para além dos efeitos simbólicos do conflito parental, de modo central, tem-se *a marca pulsional,* na qual ratos e excrementos estão inseridos no circuito dos objetos parciais.

Entrelaçando isso com um recorte da clínica contemporânea, a vivência do cenário pandêmico intensificou temores de contaminação e de morte dos pais de um analisando neurótico obsessivo, desencadeando severos rituais de higienização. Nesse período, ao pagar os honorários do mês, ele entregou as cédulas envoltas em papel higiênico, justificando que, após

 ISSN 2764-9032

lavar as mãos no banheiro, utilizou o papel para evitar o risco de uma nova contaminação, tanto de si quanto da analista. Essa cena evoca a atualização clínica do clássico caso do "homem dos ratos": a intrusão das esquivas neuróticas no espaço analítico escancara os desejos sádicos e impulsos hostis de contaminação, diretamente associados à equivalência simbólica entre dinheiro, sujeira e excremento.

No caso freudiano, há a vigência do objeto sádico (ratos agressivos), o gozo acompanhado do suplício, indicando um par fantasmático sadomasoquista, consumado e inseparável. Nesse sentido, dentro da lógica do superego, Laplanche (1998) introduziu a questão da *"moral inconsciente"*, e, para além do princípio do prazer e da realidade, tradicionalmente propostos por Freud, faz menção a Bergler que propõe o terceiro princípio do superego chamado de *"princípio da tortura"*.

Laplanche (1998) ressalta as proposições de Freud, em seu texto *Pulsões e seus destinos*, sobre a passagem do sadismo para o masoquismo, coincidindo com o duplo destino de "*transformação no contrário*", enquanto passagem da atividade à passividade ou da passividade à atividade, e, por outro lado, o "*retorno sobre a própria pessoa*", passagem da atividade de fazer o outro sofrer para a autopunição, causar a si o sofrimento, como no caso do homem dos ratos. O autor assinala que esses mecanismos decorrem de modo concomitante com a identificação ou introjeção, na medida em que fazer sofrer a si mesmo diz respeito a fazer o outro introjetado no ego sofrer.

Referindo-se ao homem dos ratos, Laplanche (1998, p. 282) afirma: "Na verdade, ele é um neurótico 'puro'. Ora, é no neurótico que aparecem a verdade e a evidência do sadomasoquismo como unidade estrutural indissociável." Nesse sentido, o autor assinala que a grande apreensão em relação ao suplício de introdução dos ratos no ânus deve ser vista como

 ISSN 2764-9032

uma fantasia neurótica que possui uma pluralidade psíquica com diferentes personagens internos. De um lado, aparece a necessidade de se fazer sofrer, ser o carrasco de si mesmo, e, de outro, fazer o outro sofrer sadicamente ao maquinar tal fantasia. Logo, não existe pensamento neutro; o próprio roteiro fantasmático já carrega o gozo de organizar a morte do pai e, ao mesmo tempo, sofrer o horror do suplício por meio da identificação com o pai e com a mulher. Assim, refere-se aos diferentes personagens internos atuantes no homem dos ratos: "Maquinador ordenador do suplício e supliciado" (Laplanche, 1998, p. 283). Também assinalando a presença de objeto parcial, o autor retoma Freud, quando este descobre que os ratos simbolizavam crianças no seu fantasmático. Assinala os castigos e as surras que o pai do homem dos ratos teria lhe dado na infância, devido a suas travessuras como, segundo sua mãe, ter mordido alguém nos seus três, quatro anos de idade.

Em relação ao superego, embora Laplanche relembre que, no momento desse caso do homem dos ratos, esse conceito ainda não havia sido tecido por Freud, já havia ali menção a um ataque interior, sádico, o remorso que mordia por dentro. Dessa forma, afirma:

> O superego apresenta-se como um rato, gozador, cruel, a própria imagem da pulsão. De sorte que o conflito moral, torturante, implacável, aparentemente assimilável a um conflito de nível elevado, não faz mais do que encobrir uma luta "cruel e lúbrica" em que o castigo supremo está sempre agregado ao gozo supremo. (Laplanche, 1998, p. 286)

Assim, os pensamentos compulsivos que penetram na mente do neurótico obsessivo como ratos demonstram a ameaça constante de invasão da pulsão, combatida repetidamente com barreiras de defesa como isolamento, neutralização, contrainvestimento etc. O autor, retomando Freud, sublinha

 ISSN 2764-9032

que esses procedimentos psíquicos apoiam-se nos físicos: "A luta contra os pensamentos é física, higiênica, profilática, e Freud não hesita em relacioná-la, em *Inibição, sintoma e ansiedade*, com o tabu de tocar" (Laplanche, 1998, p. 287). Não se poderia nem tocar, enunciando de forma neutra "meu pai morrer", pois esse enunciado já seria contaminado pela pulsão, pelo desejo de morte do pai. Nesse sentido, explicita-se "uma dupla polaridade do superego: a linguagem da lei, por um lado, o aspecto pulsional, sexual, sádico, por outro" (Laplanche, 1998, p. 287).

A onipotência do pensamento foi abordada por Freud (1913/1996) em *Totem e tabu* e retomada em *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/1996), referindo-se a características da vida mental das crianças e dos povos primitivos. Esse conceito remete a uma supervalorização do poder dos próprios desejos e atos mentais, assim como a uma crença mágica na força poderosa das palavras. Farias (2016) afirma que a onipotência ocupa lugar central no pensamento do obsessivo e que, assim como ocorre no pensamento das crianças, pensar o desejo já promoveria a crença de que ele se realizaria. "O obsessivo acredita que seus pensamentos inevitavelmente se tornarão realidade, ou seja, o pensamento é logo considerado suscetível de se realizar pelo simples fato de ter sido pensado" (Farias, 2016, p. 2012).

Outro recorte da clínica atual ilustra a onipotência do pensamento em um caso de neurose obsessiva. Diante da proximidade das férias da analista, que não coincidiriam com as do analisando, ele manifestou: "Não queria dizer o que está se passando pela minha cabeça. Mas não consigo parar de pensar que provavelmente você irá viajar nas tuas férias e vai que tu sofre um acidente?! Se algo acontecer de ruim com você, me sentirei muito culpado. Muito estranho isso". Esta vinheta explicita que o temor obsessivo mascara um desejo hostil inconsciente que, pela onipotência do pensamento e severidade do superego, equipara a fantasia ao ato, gerando culpa.

 ISSN 2764-9032

3. A neurose obsessiva compulsiva: entre a falta de interditos e a falha na ligação

Sintomas como a necessidade de realizar repetidas conferências em torneiras, janelas, portas e eletrodomésticos antes de sair de casa — acompanhados por pensamentos ruminativos de que a omissão dessas ações acarretaria sérios prejuízos, como alagamentos, roubos e explosões — são frequentes no atendimento a neuróticos obsessivos. Ao rastrear o histórico de tais rituais, um analisando recordou que as práticas iniciaram em sua infância, associadas ao medo de monstros e ladrões. Sobre esse período inicial, o mesmo relatou que se considerava responsável por salvar sua família, utilizando as conferências como uma forma de proteção. Essa dinâmica se reitera em sua vida adulta por meio do pensamento recorrente de que algo terrível acontecerá com sua família e de que caberá exclusivamente a ele salvá-los.

Visando clarear a determinação metapsicológica dos sintomas obsessivos, Bleichmar (2005) propõe que, nesses quadros, existe uma obsessão que impõe de modo compulsivo a realização de certos atos que possuem um caráter defensivo. O caráter do sintoma obsessivo como aquilo que fica repetitivo na cabeça se origina de um ato de contrainvestimento diante de uma representação inconsciente. Tanto a ambivalência como a obrigação de fazer algo para impedir que outra coisa terrível aconteça estão vinculadas com essa compulsão neurótica. O sintoma obsessivo busca paralisar, resolver a emergência do retorno do recalcado, pois o desejo está no inconsciente e é o contrainvestimento que aparece do lado da consciência como uma formação substitutiva. Na vinheta anteriormente citada, as constantes boas intenções do analisando de salvar sua família foram se revelando, durante o transcurso do processo analítico, como um contrainvestimentos diante de ambivalências marcadas por hostilidades intensas na relação com as figuras parentais.

 ISSN 2764-9032

Outra vinheta clínica ilustra o potencial fantasmático invasivo decorrente do retorno do recalcado: "Muitas vezes demoro para sair de casa, pois fico em dúvida se realmente desliguei o gás. Volto para conferir repetidas vezes porque, assim que viro as costas, já me vem a dúvida se está mesmo desligado ou não. Tenho medo de esquecer o gás ligado e explodir minha casa". Nesse contexto, o temor da explosão do gás explicitava o avanço dos desejos incestuosos e hostis — impulso de destruição do outro ou o próprio parricídio? A culpa decorrente de tais conteúdos inconscientes exigiria, por sua vez, um pagamento simbólico de uma dívida impagável, encenado na fantasia de destruição da própria casa? Ademais, pode-se pensar que o ato compulsivo de conferência atua como um claro contrainvestimento diante do afeto hostil reprimido? Nesse sentido, Bleichmar (2014) assinala que os pensamentos obsessivos são caracterizados pela dúvida se o sujeito fez a ação; nesse caso são obsessões vinculadas a formações secundárias. De modo diferente, esclarece que, quando um sujeito faz a ação e a anula, ainda que haja uma obsessão pela ação de fazer e anular, há também uma passagem ao ato denotando falha na defesa.

Na relação transferencial com pacientes neuróticos obsessivos, observa-se uma dupla face marcada pelo temor/desejo de que a assimetria e o cuidado, próprios da função analítica, não se sustentem. Essa dinâmica pode estar relacionada à insuficiência de interditos parentais nas vivências infantis. Nesses quadros clínicos, são frequentes os sentimentos dos analisandos de livre acesso a um dos genitores e temor de perda ou morte do outro. A fantasia de triunfo na novela edípica infantil pode, assim, revelar-se ao longo do processo analítico, como é ilustrada pela fala de um analisando adulto sobre sua infância: "Eu sempre senti que conseguia agradar mais minha mãe do que meu pai. Parecia que ela estava mais interessada em mim do que nele".

 ISSN 2764-9032

Conforme Jacques André (2019), o "amor da e pela mãe" é um determinante infantil central, dentre outros, na constituição afetiva e sexual do filho homem. A mãe edípica do menino não se insere tão facilmente, como já se cogitou, na continuidade da mãe das origens. A mãe é a primeira mulher perigosa, na medida em que oferece riscos de bloquear os caminhos para a emancipação desse primeiro objeto incestuoso. Referindo-se ao complexo de Édipo, o autor afirma a implicação do pai entre a mãe e o filho, seja para amar ou rivalizar: "O 'complexo' é um nó de desejos e relações em que cada membro da tríade é alternadamente ativo e passivo, presente e excluído, amante e agressor" (André, 2019, p. 157).

A acumulação ou retenção de dinheiro, bem como a dificuldade de usufruir desses valores com autonomia podem ser manifestações neuróticas obsessivas relacionadas a temores de endividamento e a desejos inconscientes de triunfo sobre a figura do analista/pai. Nesse contexto, mesmo o cumprimento rigoroso do contrato de honorários pode revelar aspectos transferenciais importantes, como a desconfiança de que a analista estaria interessada apenas no dinheiro do analisando. Diante de uma revisão anual dos honorários, essa dinâmica pode emergir por meio de pensamentos repetitivos, expressos da seguinte forma: "Se eu falar aqui tudo que eu ganho no meu trabalho, eu tenho medo que tu fique aumentando demais o quanto tu cobra por sessão". O crescimento profissional e financeiro do analisando pode promover a intensificação de seus pensamentos obsessivos e rituais de verificação devido ao incremento da fantasia de "poder tudo com o dinheiro".

Na clínica com neuróticos obsessivos, são frequentes também sentimentos recorrentes de culpa e ideias de que qualquer percalço em suas vidas corresponde a uma punição estranhamente merecida. Nesse sentido, um analisando afirmou: "Parece que tô sempre esperando para ser punido, que tenho que pagar por alguma coisa. Mas eu não sei pelo que tenho que

 ISSN 2764-9032

pagar, não sei porque sinto tanta culpa". A onipotência do pensamento está intimamente ligada ao sentimento de culpa tão presente na dinâmica psíquica dos neuróticos obsessivos. O desejo parricida (Farias, 2016), próprio do conflito edípico, torna-se mais violento para o obsessivo, na medida em que existe para este uma similaridade entre desejar e realizar. Logo, o sentimento de culpa decorre desse desejo que ameaça retornar do recalcado e é percebido como crime cometido, com regressão do ato ao pensamento: "O sentimento de culpa, as autoacusações e autopunições obsessivas apontam, então, em direção ao desejo recalcado: evitam seu retorno, sua realização efetiva, mas ao mesmo tempo permitem uma satisfação deslocada, substitutiva" (Farias, 2016, p. 215).

A complexidade da clínica com neuróticos obsessivos pode se revelar quando, para além dos sintomas neuróticos clássicos, ao longo do processo, correntes psíquicas fragilmente constituídas podem vir a ser acessadas. A revelação de práticas compulsivas de masturbação e acesso a pornografia *on-line* com conteúdos incestuosos e violentos por esse analisando pode ser exemplo de tais ocorrências. Nesse sentido, Bleichmar (2005) diferencia o sintoma neurótico e a manifestação sintomática da ordem do transtorno. Podem, por exemplo, ocorrer transtornos ligados a contrainvestimentos massivos orais e anais que são manifestações sintomáticas fora do rol da psicose e da perversão. Inclusive pode haver, no interior de organizações com dominância neurótica, correntes psíquicas que funcionam sob o modo de um transtorno fruto de traumatismos severos. Desse modo, assinala que precisar a diferença diagnóstica dentro da estruturação psíquica vai servir como um guia metapsicológico que indicará o tipo de estratégias de intervenção clínica a ser utilizado: "há correntes neuróticas da vida psíquica em que trabalhamos mediante interpretação e associação, e há outras correntes que devemos trabalhar por meio de construções" (Bleichmar, 2005, p. 170).

 ISSN 2764-9032

Preocupações intensas com limpeza, acompanhadas de um tempo excessivo dedicado a esses cuidados, também podem acenar para expressões de correntes psíquicas frágeis presentes em determinados quadros neuróticos. Bleichmar (2005) menciona que, na neurose de limpeza, o desejo recalcado anal da sujeira que ameaça emergir está sendo combatido pelo ego com a imposição da limpeza excessiva. Podem ocorrer relatos de sonhos de analisandos obsessivos que apresentam diferentes cenas envolvendo fezes, inclusive situações em que o sujeito se assusta e sente nojo ao recordar de que no sonho as ingeria. Esses conteúdos podem ser compreendidos como manifestações ligadas a prazeres parciais anais não renunciados. Tais ocorrências indicam a vigência do recalque originário e sugerem falhas na instauração do selo do recalcado secundário.

A hostilidade e os desejos de dominação e passivização podem aparecer nos sonhos de neuróticos obsessivos por meio de elementos de violência sofrida ou praticada, como cenas de acidentes, mortes, roubos, agressões físicas e violência sexual. Tais manifestações podem ser compreendidas, em parte, a partir do que Freud (1900/1996) teorizou como sonhos de angústia, ligados ao retorno do recalcado e aos desejos incestuosos. Contudo, as intensidades vividas na transferência também podem possibilitar não apenas a reabertura de enigmas psíquicos, mas o acesso inédito a traumatismos advindos do inconsciente encravado (Laplanche, 2015). Vivências infantis de desamparo e violências excitatórias podem, ao longo do processo analítico, dar origem a sonhos cujos conteúdos se revelam marcados pelo mortífero e pelo deletério. Esses sonhos indicam a presença de elementos que permaneciam radicalmente sem tradução no aparelho psíquico dos analisandos.

Dejours (2019) assinala que os sonhos podem ser vias de trabalhos que, no processo de análise, abrem caminhos de resgate dos excessos vividos, dos acidentes de sedução, constituindo-se em um meio de evolução

 ISSN 2764-9032

psíquica. Laplanche (2015) propõe que os sonhos possuem uma finalidade comunicativa durante a análise. Assim como a transferência no tratamento analítico é provocada pelo enigma proposto pelo analista, o mesmo acontece com os sonhos durante o tratamento analítico. Desse modo, afirma: "Nos dois casos, é o endereçamento – real ou suposto, mas sempre enigmático – do analista que suscita essa transferência e provoca a espécie de neogênese libidinal que está ligada a ele" (Laplanche, 2015, p. 87).

Em relação ao desejo edípico, Bleichmar (2011) assinala que há uma configuração que une um aspecto sexualizado e outro sublimatório, constituindo uma implantação ligadora, evitando possíveis consequências do excesso pulsional com o objeto. Porém, nos casos edípicos mal resolvidos há um excesso de sexualização e um déficit da organização amorosa sublimatória, resultando em um exercício autoerótico da sexualidade sem ligação no corpo do outro. Eles podem se fazer presentes em quadros obsessivos por meio de pensamentos repetitivos e indiscriminados que erotizam os contatos sociais e, diante de contrariedades, de sentir-se humilhado e ter desejos de humilhar o outro. As vivências tranferenciais e associações nesses casos podem levar ao resgate de excessos pulsionais vividos na infância desses analisandos, tais como cama e banheiro compartilhados com os pais e jogos sexuais com pares altamente excitatórios sem a interrupção de adultos. Logo, pode-se pensar no quanto os interditos parentais castratórios ficaram enfraquecidos pela falta de assimetria na relação pais e filhos, acarretando em uma possibilidade frágil de consolidação do recalcamento dos desejos incestuosos.

Percebe-se que, além de conteúdos advindos do retorno do recalcado, há indícios de conteúdos com falha radical na tradução. O resgate da história familiar nesses casos revela elementos de desamparo, falhas nas assimetrias parentais entre as gerações, falhas nas renúncias incestuosas e violências excitatórias desmentidas nas relações familiares. Nesse sentido,

 ISSN 2764-9032

Laplanche (2015) afirma que o fracasso na tradução pode resultar de uma transmissão intergeracional sem nenhuma metabolização. Nesses casos, o processo analítico visa à tradução e ligação dos excessos vividos na infância e adolescência, abrindo a possibilidade de entristecimento pela constatação da impossibilidade de ser amparado, levando a cessar as compulsões. Assim, a estagnação de mensagens no inconsciente encravado podem ser rompidas pelo processo analítico e as mensagens reatualizadas promovem traduções e integrações em sua tópica.

Bleichmar (2005) propõe que as descargas de erotização infantil parcial promovem como que satisfações apaziguadoras, mas são sem saída pois não há de fato possibilidade de gozo sexual, caracterizando a emergência do sadismo concomitante com a produção de excitação. Analisandos obsessivos mencionam ter por vezes pensamentos sádicos durante o ato sexual com parceiras/os, marcados por desejos de submeter o/a parceiro/a. Nesse sentido, a autora afirma:

> [...] as moções eróticas em crianças em que o tecido libidinal narcisista não está bem estruturado, isto é, crianças com pouca capacidade de sustentar níveis de ternura porque foram excessivamente erotizadas, ou melhor dizendo, excessiva e precocemente genitalizadas, tendem a produzir uma constante degradação dos vínculos de ternura em erotismo. Vemos isso também, com frequência, em alguns pacientes adultos, que a todo contato com o outro sobrevém uma erotização, aparecendo imediatamente a angústia e o sadismo. (Bleichmar, 2005, p. 164)

Permeado pela evolução da tradução do processo transferencial, cada vez mais consciente de seus conflitos psíquicos entre desejos parricidas e culpas, um analisando afirmou: “Já matei tantas vezes meu pai na minha cabeça, já desqualifiquei tanto ele, que ele nem imagina... tenho vergonha

 ISSN 2764-9032

disso! Mas hoje percebo que faltou muito eu poder contar mais com ele, ter mais limites". Bleichmar (2011) propõe revisar a teoria da castração de Freud, na qual o superego é o herdeiro do complexo de Édipo e o sujeito renuncia para não perder o órgão. Assim, a autora indica seu entendimento de que essa herança advém da renúncia do sujeito por amor ao objeto, para não fazê-lo sofrer ou danificá-lo. E, também retomando o eixo da ética em Freud, assinala que a questão não é o recusamento da ação, mas o impensável da ação. Diante da renúncia edípica, ocorre a introjeção do superego parental e não a autoridade paterna. Em relação aos historiais de Freud, o que falha é o superego dos pais, como no caso do pai do homem dos ratos que se casou por dinheiro. Na vinheta acima, aparecem indícios da fragilidade na constituição do superego dos pais quando estes não pautaram uma assimetria protetora, dificultando a promoção de uma maior admiração, amor, que seriam motores para as renúncias edípicas de modo satisfatório.

Por meio das vivências tradutivas e de um intenso processo transferencial é possível simbolizar com analisandos obsessivos compulsivos as marcas de desamparo vivido, bem como efetivar renúncias de seus desejos incestuosos e hostis rumo à apropriação dos atributos em ideal de ego e de suas faltas. É aquisição de um processo de análise a diminuição dos rituais obsessivos compulsivos, acompanhada de ganhos de autonomia, autocuidado, de possibilidade de pensar claramente em sua hostilidade, excitações e fantasias.

Em relação às vivências transferenciais no processo analítico, Bleichmar (2011) afirma que a transferência não é apenas uma reedição dos conflitos da infância, mas é também uma *neocriação*. A possibilidade de cura na análise radica no fato de poder repetir o que viveu e o que não viveu também. "[...] si lo que se repite es lo vivido o aquello que no se hay vivido, aquello que se hubiera deseado vivir, lo que se hubiera esperado, o aquello postergado"

 ISSN 2764-9032

(Bleichmar, 2011, p. 403). Nesse sentido, a análise contém certas regressões uma vez que o adulto ineditamente tem um lugar assegurado onde pode expressar seus aspectos mais primários e infantis. Bleichmar (2005) afirma que intervenções analíticas que possibilitam a estruturação do psiquismo propiciam um processo de neogênese:

> [...] algo, que não estava pré-formado e nem instalado por si mesmo, será produzido em função da intervenção analítica [...] sobre as representações desarticuladas, fraturadas e falhas, um novo tecido psíquico permitiu uma composição menos patológica. (Bleichmar, 2005, p. 40 e 41)

4. Considerações finais

Conclui-se o presente estudo, ressaltando a vigência de diferentes correntes psíquicas na neurose obsessiva; por meio dos aportes teórico-clínicos aqui apresentados, foi possível elucidar a presença concomitante de correntes psíquicas neuróticas e correntes psíquicas mais arcaicas, decorrentes de falhas radicais na tradução. Dessa forma, pode-se perceber uma fragilidade na constituição da tópica psíquica que sofre com embates de pulsões parciais anais não totalmente recalcadas fruto de excessos e passivização vividos. Também se percebe uma fragilidade na constituição dos ideais do ego e do superego, uma vez que o tão intenso sentimento de culpa presente nesses quadros obsessivos advém de desejos incestuosos e hostis edípicos fruto do retorno do recalcado. Os atos compulsivos e pensamentos obsessivos demonstram a vigência de contrainvestimentos atuantes na busca de fazer frente ao avanço pulsional, porém com enorme dispêndio de energia.

O processo de análise por meio da via transferencial possibilita a reabertura de enigmas e também o acesso ao imetabolizável presente nos casos obsessivos

 ISSN 2764-9032

compulsivos, que, por meio de construções e interpretações, instaura vias de neogênese. Há possibilidades de dar sentido inédito ao excesso erótico vivido por meio dos traumatismos, assim como, por meio da assimetria e das interpretações transferenciais, há a possibilidade de recalcar de forma mais eficiente os desejos edípicos e fortalecer as identificações secundárias advindas destes. A elucidação da ambivalência vivida na transferência possibilita a composição do amor e ódio para com os objetos e abre vias para novas possibilidades de desejar e odiar asseguradas pela assimetria transferencial/contratransferencial do processo analítico, preparando o caminho para o trabalho do mortífero e do incestuoso que leva ao fortalecimento dos sistemas psíquicos e a mais possibilidades simbólicas de vida para o analisando.

Findando este artigo, é oportuno mencionar que processos intensamente vividos em transferência e análise da contratransferência possibilitam maior autonomia para o analisando e liberdade no seu viver. Por meio da condução de tais processos analíticos obsessivos, também são convocadas pela clínica viva sínteses teóricas e investimentos libidinais no sempre vir a ser enquanto psicanalista. É trabalho árduo e recompensador de aquisições de vida.

Bibliografia

André, J. Palavras de homens. In: Moreno Garcia, R. (Org.). *Desordens da vida.* Porto Alegre: Sulina, 2019, pp. 153-175.

Bleichmar, S. Lo inconsciente: fecundidad clínica de sus paradigmas. In: Bleichmar, S. et al. *Lecturas de Freud.* Buenos Aires: Lugar, 1990, pp. 13-99.

Bleichmar, S. *Clínica psicanalítica e neogênese.* São Paulo: Annablume, 2005.

Bleichmar, S. *La construcción del sujeto ético.* Buenos Aires: Paidós, 2011.

Bleichmar, S. *Las teorías sexuales en psicoanálisis:* qué permanece de ellas en la práctica actual. Buenos Aires: Paidós, 2014.

 ISSN 2764-9032

Dejours, C. *Primeiro, o corpo:* corpo biológico, corpo erótico e senso moral. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

Farias, Camila Peixoto. Violência e neurose obsessiva: seu impacto na teoria das pulsões. In: Cardoso, M. R. (Org.). *Excesso e trauma em Freud:* algumas figuras. Curitiba: Appris, 2016, pp. 185-230.

Freud, S. Interpretação dos sonhos (II) (1900). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 371-648.

Freud, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 136-222.

Freud, S. Totem e tabu (1913). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 13-162.

Freud, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 77-108.

Laplanche, J. *Problemáticas V:* a transcendência da transferência. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Laplanche, J. *Problemáticas I:* a angústia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Laplanche, J. *Sexual:* a sexualidade ampliada no sentido freudiano – 2000-2006. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

Tatiane França
Rua Quinze de novembro, 961, sala 804.
Passo Fundo/ RS
tatiane.franca@atitus.edu.br

© Constructo Revista de Psicanálise

 ISSN 2764-9032